



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



DOS CAPITÃES DA AREIA AOS CAPITÃES DO ASFALTO: DIÁLOGOS DA (NÃO) FICÇÃO

Dayse Sacramento de Oliveira, mestranda/ UNEB, dayse.sacramento@gmail.com

Este estudo utilizou como aporte teórico-metodológico a pesquisa de fonte primária e bibliográfica utilizando-se de textos ficcionais e não-ficcionais a fim de abordar a análise dos discursos sobre a juventude de Salvador nas cartas do *Jornal da Tarde em Capitães da Areia* (AMADO, 2009), articulados com os discursos das crônicas de *A história da polícia que mata – Rota 66*, em São Paulo (BARCELLOS, 1994). O propósito do estudo esteve centrado nas expressões sobre os jovens que marcam a visão cultural acerca do jovem em conflito com a lei e como algumas expressões mantiveram-se presentes desde a década de 30 até as décadas de 70 e 90, período que compreende a pesquisa tratada em *Rota 66*. Através do entendimento da Literatura como produto da cultura que revela questões sociais, (JAMESON, 1992) é possível evidenciar, em ambos os momentos e tipologias textuais, que apesar da distância temporal, aparece evidente ou velada uma visão do jovem em conflito com a lei, além da manutenção de estereótipos sociais e físicos que demarcam a construção da juventude em situação de risco. Segundo Guacira Lopes Louro (1999), foram atribuídos aos corpos (sujeitos) sentidos sociais, no contexto de determinada cultura e, portanto, com as marcas dessas culturas, sujeitos compostos e definidos pelas relações sociais que são tecidas, portanto moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Os sentidos que são percebidos e que decodificam os símbolos de identidade nos sujeitos são treinados e repetidos no cotidiano e se aprende com eles a classificar o outro pelas formas com que os seus corpos se apresentam, se comportam e como estão expressos. Dialogando com Louro, a autora Leonor Arfuch (2008), defende que os sujeitos são traduzidos como/ a partir da idéia do arquivo, ao passo que cada uma (um), enquanto sujeitos, carregamos idéias, histórias, arquivos “vivos” como forma de transmitir nossas biografias, nossos modos de viver, pensar e agir. Através destes processos de reconhecimento de identidades que se apresentam também as diferenças, o que, segundo Michel Foucault (1993), pressupõe a instituição de desigualdades, de ordenamentos e de hierarquias que atendem a redes de poder instituídas. O diálogo entre *Capitães da Areia*, o texto literário, e *Rota 66*, o texto da não-ficção, orienta a proposta deste estudo a fim de entender que aquilo que é dito não resulta apenas da intenção de um sujeito em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecidos por eles num contexto social e histórico, através da explicitação dos processos de significações que aparecem nos textos e “escutar” outros sentidos que estão presentes, compreendendo como eles se constituem e se afirmam como práticas discriminatórias.

Palavras-chave: Texto literário. Polícia. Discurso. Jovem em conflito com a lei. Juventude.

Introdução

Problema Social

*Se eu pudesse, dava um toque em meu destino
Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão
Nem um bom menino que vendeu limão.
Trabalhou na feira pra comprar seu pão.
Não aprendia as maldades que essa vida tem
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém
Juro que eu não conhecia a famosa Funabem
Onde foi a minha morada desde os tempos de neném
É ruim acordar de madrugada, pra vender bala no trem
Se eu pudesse eu tocava em meu destino.
Hoje eu seria alguém
Seria eu um intelectual
Mas como não tive chance de ter estudado num colégio legal
Muitos me chamam de pivete
Mais poucos me deram um apoio moral
Se eu pudesse eu não seria um problema social.
Não aprendia as maldades que essa vida tem
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém
Juro que eu não conhecia a famosa Funabem
Onde foi a minha morada desde os tempos de neném
É ruim acordar de madrugada, pra vender bala no trem
Se eu pudesse eu tocava em meu destino.
Hoje eu seria alguém
Seria eu um intelectual.
Mas como não tive chance de ter estudado num colégio legal
Muitos me chamam de pivete
Mas poucos me deram um apoio moral
Se eu pudesse eu não seria um problema social.¹*

O romance *Capitães da Areia*, obra de Jorge Amado, denuncia problemas sociais vivenciados na capital baiana no início do século XX, como a marginalidade de jovens em situação de vulnerabilidade, o discurso discriminatório sobre jovens em conflito com a lei, além das sequelas sociais originadas deste contexto como as condições miseráveis de vida impostas pela pobreza, a prostituição e a fome. O autor utiliza como recorte para esta discussão a rotina de um grupo de crianças desamparadas, que possuem em comum a vida insalubre num trapiche abandonado, a concepção da lealdade mútua, além da maturidade precoce exigida pela convivência contínua com a miséria e a hostilidade com que eram tratados pela sociedade soteropolitana. O recorte que utilizarei para este artigo compreende o discurso sobre as crianças/ jovens em conflito com a lei representados nas Cartas à Redação

¹ Música “Problema Social” composição de Guará e Fernandinho, interpretada por Seu Jorge. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6vTmJSpk4Xw&feature=player_embedded>. Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

do Jornal da Tarde, no início do livro. Assim como *Capitães da Areia*, *A história da polícia que mata – Rota 66*, do autor Caco Barcellos, faz referências à violência contra cidadãos, pobres em sua maioria, em conflitos com a polícia na cidade de São Paulo, ao longo de pouco mais de duas décadas. O livro teve origem de um esmiuçado estudo sobre a violência policial na capital paulista e os resultados de sua investigação sobre as práticas das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota), resultou num importante documento de denúncia da legitimação da violência com ocorrência de morte, na grande maioria dos casos, pelos aparatos militares mesmo após o fim da Ditadura. O recorte que utilizarei neste estudo que resultou no livro é aquele que abarca o perfil das vítimas traçado pelo autor e o discurso utilizado nos autos e nas falas policiais sobre os sujeitos da pesquisa de Caco Barcellos. O banco de dados da pesquisa utilizado pelo autor durante os 22 anos da investigação concluiu que este perfil era composto por uma maioria de homens negros ou pardos, na faixa etária de 08 a 17 anos, com baixo grau de instrução, pobre e morador de bairros periféricos, sujeitos próximos à realidade vivida pelos membros chefiados por Pedro Bala, protagonista de *Capitães da Areia*.

Ao pensar a interpretação como um ato que não ocorre de forma isolada, mas num campo em que são ofertadas alternativas interpretativas que conflitam, convergem ou divergem é que este artigo se propõe a evidenciar as continuidades e rupturas nas construções discursivas sobre a juventude em situação de risco social. A partir desta proposição, a narrativa precisa ser contemplada como ato ideológico que pode propiciar a “invenção” de soluções, ou ainda apontar soluções formais para questões que atingem o imaginário social vigente dialogando com imaginários do passado (JAMESON, 1992). Segundo o mesmo autor, é importante pensar o texto literário na perspectiva marxista, forjado com a presença de camadas sociais e composto por subtextos histórico-ideológicos que retratam através do gesto interpretativo a realidade “oculta” da história. Utilizando as perspectivas marxistas de pensar o trinômio sociedade, cultura e história, o texto literário e a sua interpretação, considerando a existência de classes antagônicas (classe trabalhadora X classe dominante), propiciam uma escuta atenciosa do não-dito ao revelar eloquência no “silêncio”, daquilo que está posto de forma implícita.

Destarte a perspectiva de classe presente no texto literário citada por Jameson (1992), no Manifesto Comunista, a luta de classes é retratada pelas relações entre proletários e burgueses, através de uma relação em que os primeiros, são oprimidos pelos segundos:

Cada vez mais a sociedade inteira divide-se em dois grandes blocos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o

proletariado. A burguesia controla cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. (MARX e ENGELS, 2001, p. 31)

Desta forma, a Literatura se constrói numa dinâmica que envolve e compromete de forma dialética o leitor e o autor através do texto, num processo que envolve atores que estão localizados historicamente em contextos sociais que os determinam. O texto, na sua superfície gráfica, permanece o mesmo no decorrer do tempo, aparentemente, mas no contato com um leitor dinâmico, novas categorias de significações que são agregadas a ele produzem uma nova leitura de um mesmo texto, através da circulação e do consumo de discursos. Através do rompimento com o tempo histórico e do diálogo com leitores distantes, *Capitães da Areia* e *Rota 66* retratam um repertório discursivo que constata a violência contra jovens cidadãos pobres do Brasil. O primeiro na década de 30 e o segundo no período que compreende as décadas de 70 e 90, demonstram que, mesmo no século XXI, a distribuição injusta da riqueza, a carência na oferta de emprego e de salários dignos, traduzem a intenção de perpetuar as marcas discriminatórias de um passado colonial impressas pelo Estado brasileiro, principalmente, aos cidadãos negros e afrodescendentes. Esta constatação pode ser evidenciada no primeiro texto das Cartas à Redação do Jornal da tarde que afirma que:

(...) Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana vem trazendo notícias sobre atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. (...) (AMADO, 2009, p.09)

1. Os jovens da “areia” e do “asfalto”: dores que independem da textura do solo

Esta relação estabelecida entre os dois textos proposta neste artigo evidencia um contexto em que os sujeitos/ personagens são os jovens que residem em capitais de estados do Brasil, muitos que possuem as marquises e praças públicas como morada, outros que buscam oportunidades no mercado de trabalho ou “de outra ocupação que resulte numa rápida solução para o alimento de cada dia, ou mesmo dos jovens que convivem com suas famílias, e frequentam a escola regularmente, entretanto com poucas, ou quase nenhuma condição de acesso a bens materiais e culturais fundamentais, imersos no contexto do capitalismo globalizado, almejando uma demarcação de espaço na sociedade” (MORAES, 2011, p. 55)

De acordo com a visão das Cartas à Redação do Jornal da Tarde, que traduzem o sentimento da sociedade dominante da época, as “crianças abandonadas” representavam uma afronta à ordem pública, não visualizadas como crianças desassistidas que foram vitimadas pela falta de ações do Estado para o atendimento das condições mínimas de sobrevivência, as privações e as violências cotidianas, além das questões de ordem afetiva como a orfandade. Da mesma forma, são tratados os jovens da pesquisa de *Rota 66*, que sofrem com as mesmas questões dos jovens em *Capitães da Areia* e que, na sua maioria, acaba assassinada pela polícia por estarem em situação de vulnerabilidade social.

Retratando o contexto traduzido em *Rota 66*, destaco o trecho de uma conversa entre Caco Barcellos e o jovem Sidney M., de 15 anos. Ele procurava os pais desaparecidos e, numa das suas buscas nas delegacias, conheceu o repórter e começou a prestar serviços para contribuir com a pesquisa de Caco. Ele afirma:

- Não sei como estou vivo, Caco. Eles só matam jovens, pobres e mulatos como eu.
- Calma. Jovem e pobre, sim. Mas eles também matam brancos.
- Só se tiver acompanhado de um negro ou pardo.
- Exagero seu.
- Você fala isso porque você é um branco.
- Precisamos investigar para ter certeza, é o único jeito...
- Perda de tempo. Estou vendo lá: a maioria é cadáver de mulato. Quer apostar? (BARCELLOS, 1994, p. 110)

De fato, o jovem Sidney M. tinha razão. A pesquisa de Barcellos (1994) identificou 4.179 mortos pela Polícia Militar na capital paulista e região metropolitana entre 1970 e 1992, entre os 7.500 apontados pelos registros oficiais. Na maioria das guerras, o número de feridos excede o de mortos. Em *Rota 66* acontece o contrário. O registro da cor da pele de 3.944, apontou 51% como negras e pardas e estes dados foram cruzados com as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que constatou que a proporção de brancos era 74%, enquanto negros e pardos era de 22%. Ainda, dentre os números finais de vítimas, 65% compreendia número de inocentes, leia-se cidadãos sem antecedentes criminais.

No contexto de *Capitães da Areia*, a juventude é retratada como um “bando que vive da rapina”, “crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime”. (AMADO, 2009, p. 09). Ainda na reportagem de abertura do Jornal da Tarde, o que dialoga com o contexto de *Rota 66*, é que é possível vislumbrar as ações que devem ser orientadas para os jovens em questão, quando afirma que:

O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões. (AMADO, 2009, p. 09-10)

O conteúdo dos trechos citados acima revela que a sociedade brasileira institui categorias e formas de catalogação das pessoas de acordo com atributos considerados corriqueiros e apropriados para membros dessa categoria. Estabelece também de que forma os indivíduos serão distribuídos entre estas classificações, determinando um padrão externo ao indivíduo que definem a categoria e os atributos, a forma de identificá-los socialmente e a maneira como eles vão se relacionar com o meio.

Ainda nesta seara retratada pelos trechos supracitados, dentre as inúmeras histórias relatadas em *Rota 66*, uma delas chamou a minha atenção. Caco Barcellos recebeu uma ligação anônima para que se dirigisse imediatamente ao necrotério do Pronto-Socorro de Diadema. A chamada telefônica referia-se à morte de Pixote, exatamente como no cinema. De acordo com o Boletim de Ocorrência, o falecido jovem de 19 anos é apontado como indiciado, ou seja, ele é responsável pelo crime de sua própria morte. O trecho do Boletim de Ocorrência afirma que:

As vítimas são PMs da Tático Móvel 6374 que, ao tentarem deter o indiciado, por ele foram recebidos a bala e, ao revidarem, acertaram-no; uma vez socorrido junto ao Pronto-Socorro Municipal de Diadema, veio a falecer...(p. 229)

O delegado Antônio Mesquita, responsável pelo inquérito, mesmo sem examinar o local do crime ou ouvir as possíveis testemunhas afirma:

- Não morreu nenhum injustiçado. Quem procura o crime, como Pixote, está sujeito a isso. É um risco da atividade. (p. 230)

O mesmo panorama sobre as providências a serem tomadas com jovens em situação de vulnerabilidade social é retratado na matéria do *Jornal da Tarde* quando o mesmo sugere que:

Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre dr. Juiz de menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados. (AMADO, 2009, p. 11)

Segundo Abramo (1994, p. 4) citado por Moraes (2011, p. 66), “a juventude aparece assim, como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas, na verdade, nas sociedades ocidentais, como um problema da modernidade”. A partir deste contexto, os jovens sugerem mudanças nas formas de ver e de conviver com o mundo, incitando o debate para novas alternativas para a vida, que investem no estímulo aos convívios social e coletivo.

Ao dar continuidade ao diálogo entre as obras em questão, volto a pensar nas alternativas destinadas aos jovens em contextos de vulnerabilidade social e as ações que são destinadas a estas juventudes. Em *Rota 66*, dona Edna Nunes Santos, testemunha que viu Pixote momentos antes de ser assassinado, confessa para Caco Barcellos:

- Vestia calça jeans sem camisa, estava suado, olhava por trás por cima do ombro...
- Estava armado?
- Não vi arma nenhuma.
- E os PMs?
- Eram três, corriam com armas na mão.
- Falavam alguma coisa?
- Um deles gritava: "Desta vez você não escapa, Pixote".

Nas entrevistas seguintes, as três mulheres praticamente repetem a narrativa de dona Edna. Laudicéia Caitana Martins conhecia e gostava de Pixote. Ao vê-lo em apuros, tentou ajudar, sugeriu que se escondesse atrás de uma casa. As amigas Helena Romualda e sua sogra, Carmelita, também foram solidárias. Elas alertaram Pixote quando viram os PMs se aproximando. (p. 232)

A conclusão da história que culminou com a morte de Pixote traduz a maneira violenta que a polícia age de acordo com os estereótipos do bandido, do marginal. Enquanto Caco Barcellos narrava a versão oficial para as pessoas que testemunharam o assassinato do jovem, dona Helena o interrompe em seguida:

- É a polícia, você está cercado! – narrava Caco
- É mentira. Não disseram isso, não. Eu ouvi bem. O grito foi assim: "Achei, está aqui". O soldado já estava lá dentro quando falou isso. – interrompeu dona Helena. (p.236)

Dando continuidade ao seu relato, dona Helena continua:

- Ouvi um barulho de um pontapé na porta e logo depois o soldado avisar que achou Pixote, que estava embaixo da cama da vó.
- E Pixote falou alguma coisa?
- Primeiro gritou: "Ai, ai, ai"...
- E depois?

- Fez um apelo, desesperado.
- Qual foi?
- “Pelo amor de Deus, não me mate, eu tenho uma filha pra criar!”
- E os PMs disseram alguma coisa?
- Dispararam sete, oito tiros.

O jovem Pixote, que já tinha assumido em depoimento uma acusação de roubo algum tempo antes, denunciou que só assumiu o crime porque havia sido torturado, isto três anos antes da sua morte. Ele já havia se envolvido em outros delitos, o que de alguma forma já o colocava em evidência dos policiais. A mentira da história oficial relatou que Pixote e um jovem de 16 anos, foram considerados suspeitos de um roubo a uma indústria e causaram a desconfiança dos policiais quando andaram apressadamente ao virem a viatura.

Dialogando com as palavras de Caco Barcellos, na primeira página do Jornal da Tarde, há uma carta do Secretário do Chefe de Polícia à redação, que reitera o pensamento do poder público sobre a situação do jovem em conflito com a lei. Sobre o assalto ocorrido na casa do comendador José Ferreira, a polícia afirma que:

“vai tomar sérias providências para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido.” (AMADO, 2009, p. 13)

Na carta escrita pelo Dr. juiz de menores, o destino destes jovens deve ser entendido e encaminhado como “um problema que aos psicólogos cabe resolver”, (AMADO, 2009, p. 15) quando ele afirma não ter culpa pelas fugas dos jovens do “estabelecimento de educação” (AMADO, 2009, p. 15) que se configura como:

“um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvesse recebido fosse mau e daninho.” (AMADO, 2009, p. 15)

Numa outra carta, o padre José Pedro, retrata a forma como os jovens são tratados nos reformatórios. Ele afirma que “em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos.” (AMADO, 2009, p. 18)

O que se pode concluir é que tanto Pixote em *Rota 66* e Pedro Bala em *Capitães da Areia* pertencem a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes, a qual desloca estes jovens para o lugar da não-aceitação, ou ainda, transforma-os em uma pessoa de índole e caráter duvidoso, sendo estes traduzidos de forma parcial. Esta categorização dialoga com a

reflexão de Louro (1999), na qual a forma como os corpos e as suas marcas (gênero, raça, orientação sexual) são apresentados, os sujeitos são dispostos e organizados pelos significados que estas marcas traduzem. Estas marcas podem agregar em si símbolos de poder, o que legitima o percurso e os espaços que estes sujeitos serão, arbitrariamente, postos. Dialogando com Louro, a autora Leonor Arfuch (2008), utiliza a concepção do arquivo para designar uma tradução dos sujeitos enquanto seres individuais e que são compostos pelas suas histórias de vida, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, como declara Halbwachs (2006).

Segundo Zélia Maria de Melo, os estigmatizados tornam-se o contraponto que interfere no cotidiano dos “normais”, pois estes são o ponto de referência do que aqueles não devem ser. Os sujeitos estigmatizados socialmente são estratificados em práticas sociais que desvalorizam e execram as suas possibilidades de atuação no meio social, o que incita a crença de que os seus atributos os tornam inferiores, desvalorizados, com oportunidades reduzidas, sem identidade social. Para Hall (1997), dialogando com Guacira Lopes Louro (1999), em se tratando do sujeito pós-moderno, a identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam; define-se historicamente, e não biologicamente.

Cada indivíduo é formado por muitas e múltiplas identidades, que podem se movimentar entre atrativas e desejáveis para descartáveis e abandonadas. Isto nos define enquanto sujeitos com identidades transitórias e contingentes. Após esta constatação, pode-se atribuir às identidades caráter fragmentado, instável, histórico e plural. Homi K. Bhabha (1998) também considera que, a identidade nunca deve ser vista como um produto pronto e acabado e sim como um processo duradouro com diversos problemas, no que tange ao acesso a uma imagem da totalidade. Segundo o crítico cultural Kobena Mercer, (1990) somente quando está em crise é a identidade é questionada como algo que não é fixo, que pode ser constada, ao ser deslocada para a seara da dúvida e da incerteza.

2. Algumas considerações jurídicas sobre o jovem no Brasil

No bojo das duas obras em questão, torna-se fundamental o entendimento do conceito de jovem em conflito com a lei, no contexto do Código de Menores de 1927, que envolve os “menores” de *Capitães da Areia* e o Estatuto da Criança e do Adolescente, contexto da juventude retratada em *Rota 66*. No período da obra de Jorge Amado, década de 30, as

crianças e os jovens que se encontravam em situação de vulnerabilidade social e que cometiam algum tipo de transgressão na sociedade eram mantidos em casas de acolhimento, em privação de liberdade, como demonstram os artigos a seguir:

Art. 1º Este Código dispõe sobre assistência, proteção e vigilância a menores:

I - até dezoito anos de idade, que se encontrem em situação irregular;

II - entre dezoito e vinte e um anos, nos casos expressos em lei.

Parágrafo único - As medidas de caráter preventivo aplicam-se a todo menor de dezoito anos, independentemente de sua situação.

Art. 2º Para os efeitos deste Código, considera-se em situação irregular o menor:

I - privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de:

a) falta, ação ou omissão dos pais ou responsável;

b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las;

II - vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;

III - em perigo moral, devido a:

a) encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes;

b) exploração em atividade contrária aos bons costumes;

IV - privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável;

V - Com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária;

VI - autor de infração penal.

De acordo com estes artigos do Código de Menores citados acima, “a criança e o adolescente que se encontrem sem a companhia da família, como as vítimas de castigos físicos ou mesmo aqueles que cometeram ato infracional, estariam sendo encaminhados para as unidades de “acolhimento” ou recolhimento, as quais atuariam no sentido de reprimir, corrigir e integrar estes sujeitos destinados a instituições como Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC) e outras. A depender da localização, as instituições mudavam e mudam de nomenclatura, entretanto, atuavam e atuam valendo-se de velhos modelos correccionais.” (MORAES, 2011, p. 16)

Em substituição do Código de Menores, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8069/1990) é o documento que norteia a condição das crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social ou daquelas que efetuaram o ato infracional. É a partir do ECA que a criança deixa de ser chamada de “menor”, sendo tratada como criança, adolescentes e jovens, definidos então como sujeitos de direito.

No contexto do ECA, as crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade devem cumprir medidas sócio-educativas, da forma como disposto a seguir:

Das Medidas Sócio-Educativas

Seção I

Disposições Gerais

Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I - advertência;

II - obrigação de reparar o dano;

III - prestação de serviços à comunidade;

IV - liberdade assistida;

V - inserção em regime de semi-liberdade;

VI - **internação em estabelecimento educacional**;

Parágrafo único. A advertência poderá ser aplicada sempre que houver prova da materialidade e indícios suficientes da autoria. (grifos nossos)

Certamente, esta proposição do ECA não se faz cumprir no contexto de *Rota 66*. Numa das histórias investigadas por Caco Barcellos em *Rota 66*, está a do jovem Paulo Antônio, de 15 anos. Após uma tentativa de assalto frustrada, o jovem foge ao perceber a presença de policiais militares. Ele é perseguido e se atira de um viaduto de três metros de altura; fratura a perna, mas ainda assim consegue chegar em casa. Pouco tempo depois, os policiais chegam até a casa do jovem suspeito, não pedem a identificação do rapaz, não possuem mandado da justiça e, mesmo com o apelo da avó, invadem o barraco e disparam sem que o jovem esboce qualquer reação.

“Cessados os tiros, segundo o relato da avó, o menor Paulo Antônio foi encontrado encolhido embaixo da mesa. Baleado quatro vezes no peito e com um tiro na nuca, dali não se mexeu. A avó chegou a ver por alguns minutos o menino morto na cozinha. Apesar dos protestos de Dona Severina, os PMs o arrastaram pelas pernas até a rua e o colocaram no xadrez da viatura.

- Deixem ele aqui. Respeitem, ele já está morto – protestou dona Severina.

- Que nada, vovó, no hospital ele ressuscita– teria respondido José Cláudio.”
(BARCELLOS, 1994, p. 112)

Em seguida, o autor descreve mais uma cena em que há a morte de dois jovens flagrados durante um roubo e que envolve o cabo José Cláudio mais uma vez. É possível

... julgar pelo tipo de ferimento dos jovens, o que parece ter acontecido foi uma execução. A versão de José Cláudio só se sustentaria caso ele fosse um dos policiais de melhor pontaria do mundo, capaz de uma façanha quase impossível: fazer disparos certos na cabeça do inimigo em plena tensão e movimento de um tiroteio. Neste confronto com os dois jovens, José Cláudio matou o menor com quatro tiros no peito e um na testa. O amigo dele, Misael, foi baleado seis vezes: duas vezes nas mãos, duas no pescoço, uma acima do ouvido, e uma na testa. (BARCELLOS, 1994, p. 113)

A intenção é falar sobre os jovens conhecidos das calçadas dos grandes centros urbanos, que frequentam as praças públicas e as ruas diuturnamente à procura de trabalho ou de outra ocupação que resulte numa rápida solução para o alimento de cada dia, ou mesmo dos jovens que convivem com suas famílias, e frequentam a escola regularmente, entretanto com poucas, ou quase nenhuma condição de acesso a bens materiais e culturais fundamentais, imersos no contexto do capitalismo globalizado, almejando uma demarcação de espaço na sociedade.

3. Considerações Finais

Para um vasto grupo de jovens, as vivências infantis e a criação libertária de subjetividades na juventude são abruptamente interrompidas quando são postos como responsáveis pela própria sobrevivência. O crescimento dos grandes centros urbanos deveria abarcar a participação crescente da faixa etária jovem no processo de urbanização, ao propiciar condições de acesso à educação, a geração de empregos e o atendimento às demandas de saúde e saneamento básico.

O panorama vislumbrado no diálogo entre obras que se distanciam em quase 70 anos é que existem demandas das juventudes em questão que são atemporais. Muitos destes jovens se veem obrigados a entrarem no mercado de trabalho para conseguirem algum sustento para si e para suas famílias, tendo o mercado informal como possibilidade mais acessível, na maioria das vezes recebendo rendimentos inadequados, com péssimas qualidades de trabalho e com a insegurança da permanência do trabalho que ocupam.

Capitães da Areia e *A história da polícia que mata – Rota 66* refletem este arcabouço social excludente e que tem por muitas vezes vitimado a nossa juventude, que sem oportunidades e raras políticas públicas voltadas para este segmento, aumentam o contingente de moradores de rua e a entrada dos mesmos ao universo da criminalidade.

Em ambas as obras, há uma denúncia sagaz sobre o aniquilamento desta juventude com carências que se aproximam das distâncias ao bem-estar social imposto pela situação de vulnerabilidade econômica em que vive um número significativo de famílias brasileiras. Caco Barcellos, nas décadas de 70 e 90, dialoga com um contexto de juventude no Brasil que fora denunciado por Jorge Amado décadas antes. Em ambos os momentos, os discursos que se produzem sobre a juventude em situação de risco social remontam o descaso, a pouca importância do poder público e o assassinato de jovens, com uma crescente reprodução da

violência através dos meios de comunicação, por exemplo, além das denúncias inscritas pela Literatura nos textos utilizados neste artigo. (JAMESON, 1992)

O protagonismo juvenil não integra a vida dos jovens que são retratados nos contextos estudados. Exatamente porque “eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão” (GONZAGUINHA, 2008) que instrumentos de denúncia e reflexão como *Capitães da Areia* e *A história da polícia que mata – Rota 66* servem como base para os estudos acadêmicos que estou envolvida e que sustêm os sonhos de uma “juventude que não foge da raia a troco de nada”. “Eu levo fé é nessa mocidade” (GONZAGUINHA, 2008), na lida diária da construção de um mundo melhor e justo, sem expurgar do nosso convívio Pixotes e Pedros Bala, jovens que desafiam a ordem imposta apenas para reconstruir os seus “infinitos particulares”.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARFUCH, Leonor. La autobiografía como (mal de) archivo. In: Crítica cultural entre política y poética. Argentina: Fondo de Cultura Económica de España, 2008, pp. 143- 157.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. 28 ed. – São Paulo: Globo, 1994.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRASIL. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Disponível em: <http://www.ciespi.org.br/base_legis/baselegis_view.php?id=221>. Acesso em 12 de março de 2012.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente dá outras providências. Brasília, DF: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 de março de 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GONZAGUINHA. Gonzaguinha Perfil: Wilson Rodrigues Poso. São Paulo: Som Livre, 2008: CD (Ca. 49 min).
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JAMESON, Fredric. **A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico**. In: O inconsciente político. Trad. Valter Lellis Siqueira e Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1992, pp. 15-103.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&M, 2001.
- MELO, Zélia Maria de. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. Disponível em: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em: 04 de março de 2012.
- MERCER, Kobena. **Marginalization and contemporary cultures**. New York: Cambridge, 1990.
- MORAES, Cândida Andrade. **Por uma Pedagogia Social: práticas pedagógicas em escolas para jovens em privação de liberdade**. Dissertação de conclusão do curso de Mestrado do Programa de Educação e Contemporaneidade – UNEB, 2011.